

AFINAL, O QUE É UMA *VILLA*? ENTRE AS REFERÊNCIAS LITERÁRIAS E A MATERIALIDADE ARQUEOLÓGICA DO CONCEITO

André Carneiro¹

Resumo:

Um dos termos mais correntemente utilizados na investigação arqueológica contemporânea reside no conceito *villa* romana. No entanto, quando analisamos a utilização deste termo na época que o criou, deparamos com algumas situações contrastantes: a epigrafia não o menciona, pois não existem ocorrências do termo; na literatura as definições do vocábulo são muito variáveis, e por vezes paradoxais; e na investigação arqueológica encontramos uma imensa variedade de sítios a que chamamos *villa*. Deste modo, procura-se discutir os significados do termo, contrastando com a realidade material conhecida.

Palavras-chave: *Villa* romana; Arquitetura romana; Literatura clássica.

Abstract:

One of the more widely used concepts in the archaeological vocabulary is the word *villa*. However, when we look at its use in the roman literature, we see major differences: in epigraphy its not used, and in literature it as a very wide scope, and sometimes conflicting. As a result, in the archaeological investigation the word *villa* is used to nominate a tremendous variety of archaeological sites. In this contribution we intend to see the roman concept and use in literary references throughout the centuries.

Key-words: *Villa*; roman literature; rural landscape; roman architecture

¹ CHAIA/UÉ. O presente trabalho situa-se numa linha de investigação mais vasta que se centra na análise da descrição literária das *villae* e sua confrontação com as diversas formas de materialidade arqueológica. Alguns trabalhos já foram publicados e outros sê-lo-ão em breve, explorando as diferentes perspectivas deste processo.

1. Introdução

Poucos termos terão sido mais utilizados no estudo da paisagem rural romana do que o vocábulo *villa*. Sozinho ou com múltiplos qualificativos - *villa perfecta*, *villa maritima*, *villa urbana* ou *villa rustica* - é abundante o modo como entrou na linguagem arqueológica. Ou termo *villa* tornou-se uma ferramenta que descodifica um conjunto de testemunhos que se encontram à superfície e, independentemente das condições paisagísticas, culturais, históricas e pós-deposicionais, são interpretados de acordo com uma categoria conceptual.

Todavia, a maior dificuldade reside no facto de, na bibliografia arqueológica especializada, vermos como o conceito é tão variável. Temos definições mais amplas, segundo as quais uma *villa* seria uma vivenda unifamiliar situada fora de uma *urbs* e dedicada à exploração de um *fundus* (Perez Losada, 1987), um âmbito tão vasto que nele se enquadra uma multitude de realidades. Outros autores centram-se na “riqueza e diversidade dos objectos da vida quotidiana” (Alarcão, 1990: 421) que assim permitem definir os “indicadores de conforto” que vão em paralelo com a “sumptuosidade” ou “monumentalidade” dos espaços arquitectónicos. Estes materiais são tão marcantes que, considerando os indicadores de superfície, J. G. Gorges (1979: 16) propôs o preenchimento de uma ficha de prospecção de acordo com “une formule mathématique simple” que permitiria definir a classificação distintiva de uma *villa*, independentemente dos contextos em que o prospector actua. De acordo com uma leitura epistemológica mais materialista, a definição da categoria *villa* também pode ser feita enquanto “indicadores da acumulação de riqueza aplicados a bens móveis ou a objectos de prestígio (Lemos, 1993: 383), que indicam o estatuto social superior do seu proprietário. No entanto, sabemos que durante muito tempo as *villae* ocupam superfícies arquitectónicas com poucas dezenas de metros quadrados e sem opulentos indicadores de riqueza (Terrenato, 2001). Afinal, se os mosaicos são um elemento constante que todos os autores utilizam para definir a categoria, “qualquer achado de *tessellae* de mosaico ou de escultura deve ser suficiente para classificarmos como *villa* uma estação menos extensa. Mas o inverso não é verdade: pode haver *villae* sem mosaicos.” (Alarcão, 1998: 96).

Mas também há quem prefira adoptar a transposição literária da concepção

tripartida dos textos dos agrónomos latinos pelos quais a *villa* teria uma *pars urbana*, uma *pars rustica* e uma *pars fructuaria* (Carvalho, 1993). Desta forma, “As *villae* são os assentamentos de exploração agrária do mundo romano por excelência, afirmando-se como as verdadeiras unidades estruturantes do espaço rural intimamente relacionadas e controladas pelas cidades” (Bernardes, 2007: 20), sendo que esta vocação agrária é no fundo o eixo central do conceito, pois “it is the link with practical farming that remains most constant and central” (Percival, 1988: 67). Todavia, sabemos que na baía de Nápoles muitas *villae* não tinham vocação agrícola, nem sequer *fundus* envolvente (Scott, 2004: 40), isto porque a vocação económica estava voltada para os recursos marinhos (Marzano, 2007: 225), ou simplesmente não existia de todo. Resta-nos então a implantação rural como elemento definidor do conceito: “usarem el nom de villa per designar qualsevol hàbitat rural d’època romana, tant si es tracta d’unes restes de casa de gran envergadura, amb una planta que s’acosta als conceptes vitruvians de villa, com si es tracta d’unes restes de petita casa agrària, o molt destruïda.” (Prevosti, 1981: 22) No entanto, em Pompeios existem *villae* a meras dezenas de metros da *urbs*, como a *villa* di Diomede e a *villa* dei Misteri, razão pela qual se adoptou o denominativo de *villa suburbana* para estas situações (Adams, 2008). Se a *villa rustica* é definida pela sua implantação na paisagem rural, então a *villa suburbana* tem como denominador central a sua ligação íntima a uma cidade.

A realidade arqueológica também pode ser entendida na perspectiva conceptual da “transposição dos ideais da cultura urbana para o campo” (Almeida, 2000: 43) ou como lugares de *otium et peregrinatio* (D’Arms, 1970) onde a fruição cultural é o elemento determinante. Nesse sentido, “a villa is a country phenomenon and not a town one [...] it is a townsman’s word: that is, a villa is not simply a place in the country, but a place in the country from the point of view of someone living in the town.” (Percival, 1988: 14). Rústica por definição, a *villa* é afinal algo que emana de uma presença e de um desígnio urbano.

Lançando um olhar de conjunto sobre estas definições vemos que o estabelecido termo *villa* assume uma multiplicidade de significados para os distintos investigadores. Afinal, refere-se a implantações, funcionalidades, núcleos, espaços e âmbitos socioeconómicos bem distintos (Terrenato, 2001), mantendo-se em comum apenas a pertença exclusiva à época romana e a sua percepção enquanto cenário de uma

elite social. Como exemplo da adscrição exclusiva ao mundo romano, exemplifica-se de modo evidente a intenção de Júlio César², quando afirma que mandou incendiar os *aedificia* que existiam nos campos gauleses: ao não os nomear como *villae*, subentende-se que estas são exclusivas das paisagens romanas, não existindo fora do quadro da civilização que as criou.

Estas são as considerações dos investigadores. No entanto, quando consultamos a literatura da época, o termo *villa* também nos surge como estranhamente paradoxal. As descrições e os adjectivos empregues são distintos e por vezes contraditórios. Por isso, será legítimo perguntar: em época romana faria sentido utilizar o termo?

2. As *villae* por quem nelas viveu: as referências literárias

Não é de mais realçar que a literatura latina é produzida por uma oligarquia aristocrática que tem uma intenção bem clara: traçar um retrato da realidade que procura caracterizar e perpetuar um quadro ideológico conforme às suas necessidades e ambições. Além do mais, a sociedade romana é por natureza conservadora e apegada a valores de uma matriz convencional, nos parâmetros do que então se designava o *mos maiorum*, onde a intenção passa pela perpetuação e não por qualquer tipo de mudança (Molina Vidal, 2015: 21). Ora este facto é importante para nos alertar para duas situações: a posse da terra era mais vasta do que o mundo do *latifundium* veiculado à *villa*, contando com um pequeno campesinato livre e empreendedor que residia em outros tipos de habitação, desde as pequenas quintas e casais unifamiliares aos aglomerados rurais onde residiam várias famílias; e a organização socioeconómica do trabalho era também mais plural, visando outros níveis de inserção no mercado dos produtos obtidos (ou a exploração de *nichos de mercado* altamente rentáveis), para além da base que ocorria na *villa*, onde a componente autárquica era relevante, mas não exclusiva.

Em termos gerais, o contingente de textos que nos sobraram da época e que se referem a *villae* podem ser condensados em dois campos fundamentais:

² *De bello Gallico* I, 6.3: Caesar partitis copiis cum C. Fabio legato et M. Crasso quaestore celeriterque effectis pontibus adit tripertito, aedificia vicosque incendit, magno pecoris atque hominum numero potitur. O passo fala do ataque aos Menápios, povo germânico que habitava parte da Gália belga.

i) O conjunto de autores conhecidos genericamente como *agrónomos*, ou seja, os tratadistas da vivência em meio rural;

ii) Autores que descrevem os espaços, ambientes e hábitos de vida no seu quotidiano pessoal, geralmente em contexto intimista de trocas epistolares.

Daí que não seja estranho vermos o modo como os distintos autores enfatizam as perspectivas que mais lhes interessam realçar: a funcionalidade, ou as formas de maximizar e rentabilizar a produção agrícola e pecuária da propriedade, no primeiro caso; e o conforto, pois as habitações apresentam dispositivos que maximizam a fruição da *villa*, com as descrições de espaços sumptuários, monumentais, cómodos e de representação do seu *dominus*. Ou seja, destes distintos autores emanam as duas concepções paradoxais do ideário latino: a *villa* como espaço de *negotium*, no primeiro caso; e a *villa* como espaço de *otium*, no segundo.

2.1.A *villa* enquanto espaço produtivo

No caso dos *agrónomos*, a *villa* é um espaço idealizado, uma proposta para uma exploração que funcionará de modo pleno. Em termos genéricos, o retrato por eles deixado – e também por Vitrúvio que, no âmbito mais amplo do tratado *De Architectura*, dedica às construções rurais o capítulo VI do livro VI – é o de uma exploração ideal, e não de algo que tenha realmente existido: são recomendações para o que proprietário possa atingir a rentabilidade máxima na exploração do seu domínio. Trata-se de uma *idealização descrita*, enquanto o outro conjunto de autores nos deixa uma *descrição idealizada* de espaços reais onde habitam e por onde circulam. Da mesma forma, as exortações dos *agrónomos* cumprem um outro ideal: o de criar uma concretização harmónica da integração *individual* no espaço envolvente tal como, de acordo com os princípios helénicos, a *polis* (ou a *urbs*) deveria ser uma concretização harmónica da integração *colectiva* no espaço envolvente.

Sendo uma construção ideológica, a *villa* dos *agrónomos* latinos apresenta um conjunto de eixos comuns. Todas se vinculam a um *fundus* envolvente, e nesse sentido, todas são *villae rusticae*. Nesse aspecto, o primeiro autor (em termos cronológicos), Catão (Marcus Porcius Cato 234-149 a.C.) é o de retrato mais conservador, vinculando-se a uma tradição itálica onde a austeridade habitacional e a maximização do rendimento,

obtida através do trabalho escravo não-especializado³, são as imagens de marca. O *dominus*, residindo na *urbs*, é genericamente absentista, pelo que a habitação não necessita de grandes comodidades, que até são dispensáveis face à imagem de rigor e austeridade preconizados. O foco está colocado na produção e na sua administração, para o qual se propõe a típica *moderatio* latina: por exemplo, os domínios fundiários não deveria ser demasiado extensos de modo a que não fiquem terrenos ao abandono, algo genericamente esquecido pelos investigadores que propõem uma paisagem preenchida por *latifundia*, à imagem do Alentejo actual⁴. Com o autor seguinte, Varrão (Marcus Terentius Varro, 116-27 a.C.) vemos a continuação desta linha, mas é aquele que mais se foca na parte residencial: a sua *villa*⁵ surge retratada como um domínio opulento, embora enalteça a sua vertente produtiva. Varrão também cunha o modelo da *villa perfecta*: uma elegante e ativa *pars urbana*, uma *pars rustica* com equipamentos para transformação das principais produções (azeite e vinho), e os edifícios de armazenamento, que incluem os celeiros (*pars rustica*), um paradigma que irá enformar a interpretação de tantos sítios arqueológicos, como no paradigmático caso de Settefinestre⁶. Columela (Lucius Junius Moderatus Columella, 4 - c. 70 d.C.), que para nós tem o interesse de ser um autor bético, dedica pouco relevo ao domínio residencial, enquanto o autor mais tardio, Palladio (Rutilius Taurus Aemilianus Palladius, finais do s. IV/inícios do V d.C.) centra a sua atenção na inserção paisagística ideal da exploração. Contudo, o elemento mais relevante reside na substituição do termo *villa*, que deixa de designar a residência, pela palavra *praetorium*, uma designação de carácter militar: um sinal dos tempos, possivelmente, mais do que significando a existência de *villae* fortificadas.

Reunindo estes autores em visão de conjunto, torna-se relevante realçar alguns

³ O modelo escravagista da *villa schiavistica* tem condicionado muitas das interpretações feitas sobre *villae*, em especial na península itálica, mas a sua comprovação arqueológica ainda não foi conseguida, conforme lembra Nicola Terrenato (2001: 24-25). Sobre o tema ver o capítulo próprio em Marzano, 2007: 125.153. Relembro que várias áreas funcionais para *villae* da *Lusitania*, como em Santa Vitória do Ameixial (Estremoz) ou Torre de Palma (Monforte) também foram feitas com esta leitura à letra dos textos de Catão, embora os trabalhos de prospecção que posteriormente foram realizados em toda a área regional envolvente destes sítios tenham vindo a demonstrar a existência de casais agrícolas e até povoados onde poderia residir a mão de obra livre que prestava serviço laboral aos territórios das referidas *villae* (Carneiro, 2014).

⁴ Carneiro, 2010.

⁵ *Res Rusticae*, I. 11-2 até I 13.7.

⁶ A primeira *villa* escavada em toda a sua extensão, integralmente publicada e interpretada, sendo contudo evidente que os paradigmas da *villa* catoniana e varroniana emolduraram muitas das leituras propostas por Andrea Carandini (1985).

aspectos. Primeiro, que estamos perante um circuito fechado: são textos escritos por membros de uma elite para os restantes membros dessa elite. Daí que a *villa* descrita seja uma construção ideológica arquetípica, vista como um núcleo de virtudes idealizadas. Em seguida, a *pars urbana* vai sofrendo alterações no sentido da sua progressiva monumentalidade: o retrato de uma casa espartana, sem concessões ao conforto, que Catão nos deixa, surge em Varrão como uma casa elegante e cómoda, sede de uma *villa perfecta* que labora e conforta em igual medida⁷. Por último, a descrição que todos fazem dos equipamentos agro-produtivos (a designada *villa rustica*) é mais pormenorizada do que a dedicada ao espaço residencial principal (a *villa urbana*). No fundo, era esse o seu propósito comum: enaltecer a *villa* enquanto espaço de encontro do cidadão romano com ele mesmo, na perspectiva do regresso aos valores éticos próprios da latinidade. Simplicidade, pragmatismo e funcionalidade são os conceitos fundamentais aplicados aos domínios fundiários, pois a *villa rustica* e o labor agrícola que a sustenta é algo mais do que um meio de obtenção de rendimentos: é a fonte por excelência dos proveitos económicos excelsos e distintos, que nada têm a ver com a incerteza dos ganhos financeiros, sempre instáveis e especulativos, ou das actividades comerciais, que são vistas com desconfiança e associadas a valores interesseiros. A agricultura, ao invés, implica o esforço e uma dedicação constantes, além de uma harmonia com as forças da natureza que conduzem o Homem à nobreza⁸. A casa como espelho do proprietário que a concebe, constrói e mantém, ou a *villa rustica* como expressão maior da alma itálica.

2.2. A *villa* enquanto espaço de fruição e representação

Os autores que descrevem os espaços onde habitam, ou que frequentam, dão-nos um retrato distinto das suas *villae*. São residências de descanso e de retiro face ao bulício da *urbs* onde, com tranquilidade, o *dominus* pode contemplar a paisagem

⁷ Neste sentido, Columela adverte para o facto de uma *pars urbana* confortável motivar o seu *dominus* para mais frequentes visitas à sua exploração, e assim poder seguir o curso dos trabalhos agrícolas de modo mais eficaz: *De Re Rust.* 1.4.8: *pró portione etiam facultatium quam optime pater familiae debet habitare, ut et libentius rus veniat et degat in eo iucundius.*

⁸ Essa harmonia podia implicar a dimensão religiosa, podendo assim ser lidas algumas epígrafes que solicitam a protecção às divindades ou às forças da natureza. Veja-se, para a *Lusitania*, a epígrafe de *Marcus Coelius Celsus* com representação de Marte, que possivelmente está figurado na sua vertente fecunda e protectora (IRCP n.º 568; ver também Carneiro, 2009-2010: 248-249). Um caso paradigmático reside na inscrição apotropaica em dois pesos de lagar norte-africanos: Brun, 2004: 208. Infelizmente, são muito mal conhecidos arqueologicamente os templos rurais, cuja identificação permitiria contrastar as informações que por vezes surgem descritas nas fontes (por exemplo, Plínio, *Ep.* IX, 39).

envolvente e assim unir-se de novo aos valores primaciais da natureza⁹.

Em momentos mais recuados a *villa* é-nos retratada como um espaço frugal, conforme à descrição que dela os *agrónomos* nos deixaram. Tal não é de todo surpreendente, pois como foi referido, estes retratos inserem-se numa intenção propagandística: não é portanto estranho que Aulo Gélíio¹⁰ nos escreva que Catão, aos 70 anos e mesmo com os rendimentos e prestígio obtido na sua vida pública, residisse numa pequena *villa* onde, ao contrário da moda do seu tempo, não havia revestido as paredes com estuques. Mas a percepção da residência campestre como lugar de descanso e de retiro de um homem urbano nasce na península ática, e no século V a.C. Platão¹¹ testemunha-nos que nos campos existiam “belas e espaçosas mansões, mobilando-as em conformidade” e que “muitos cidadãos já não se deslocavam à cidade, nem mesmo nos dias de festa, preferindo viver nas suas casas particulares”. Nos campos itálicos, este processo de construção em meio rural ao gosto urbano irá iniciar-se três séculos mais tarde, estando até então travado pela insegurança nos campos, apenas erradicada no final das Guerras Púnicas. Contudo, o crescente contacto com as comunidades helénicas na baía de *NeaPolis*, onde este processo irá iniciar-se, será decisivo, e para o conhecermos, o nosso melhor testemunho provém de Cícero (Marcus Tullius Cicero, 106-43 a.C.).

O grande tribuno de finais da República foi proprietário de nove *villae* na região campaniense, das quais nos deixou descrições e referências em cartas e discursos¹². O elemento fundamental na vivência destas *villae* é o modo como se tornaram, não apenas no espaço de repouso individual, mas no lugar de recepção dos convidados: o facto de esta elite romana ter as suas residências de campo na baía napolitana permitia que, mesmo fora da *urbs*, se mantivessem e reforçassem as relações pessoais, para as quais as visitas mútuas assumiam um papel fundamental (a chamada *peregrinatio*). Este momento é decisivo na evolução do conceito-*villa*, porque se a geração anterior havia procedido ao início da monumentalização arquitectónica dos edifícios, estes eram percebidos como formas de manifestação da riqueza e poder pessoal do seu *dominus*. Se Públio

⁹ “[...] places to cultivate the mind as well as the fields”, na feliz expressão de Annalisa Marzano (2007: 84).

¹⁰ *Noites Áticas* XIII, 24.

¹¹ *Rep.* IV, I [Tradução adaptada].

¹² Para a completa percepção de todo este universo é fundamental a consulta de Jonathan D’Arms (1970).

Cornélio Cipião, o *Africano*, residia de modo austero na sua residência de *Liternum*¹³, Mário adquiriu a antiga *villa* de Cornelia, a mãe dos irmãos Graco, junto a *Misenum*, transformando-a numa casa “cara [...] e luxuosa, mais do que o conveniente a um comandante de guerra”¹⁴. Na geração de Cícero, contudo, o conceito alterou-se, porque os portões franquearam-se para que membros da mesma elite social por eles circulem. E a *villa* deixou de ser um espaço residencial estritamente privado, para ser dotada de ambientes propícios ao *convivium*. O momento do banquete torna-se ritualizado e enriquecido com momentos culturais, seja uma recitação poética ou uma peça musical. Para que tal aconteça com total plenitude, os espaços vão tornar-se maiores, com melhores condições de conforto, e com um aparato decorativo elaborado. Com Cícero vemos ainda outro fenómeno: o modo como, detendo várias *villae*, cada uma assume dimensões específicas: em *Arpinum* estava a residência da família *Tulii* e o memorial dos seus antepassados; a *villa* que designava como *Cumanum* era designada carinhosamente como *Academia*, por ser o local onde oferecia aos seus convivas os espetáculos musicais e os serões literários, mas também por ali reproduzir os jardins e a Academia da Escola Platónica¹⁵; a casa de *Tusculum*, que antes fora de Sila, era uma residência de grande aparato, um verdadeiro palácio onde Cícero criou uma galeria de arte com as mais variadas esculturas e preciosidades¹⁶. Por sua vez, nas *villae Pompeianum* e *Puteolanum* podia desfrutar da proximidade ao mar, sendo exemplos de *villae maritimae*. Finalmente, da sua *villa* de *Formium* queixa-se das constantes visitas, a tal ponto que esta não era uma *villa*, “mas mais parecia uma basílica”¹⁷. De modo eloquente verificamos como a vocação da *villa* se alterou definitivamente: é agora um lugar onde os conteúdos se destinam, não apenas à fruição do proprietário, mas também dos visitantes.

3. A monumentalização: *villam urbanam quam maximam ac politissimam*¹⁸

¹³ Séneca, *Epistulae Morales* 86.4.

¹⁴ Plutarco, *Vidas paralelas: Marius* 34.

¹⁵ *Ad Atticus* I,4,3.

¹⁶ Um pormenor mostra-nos como estes espaços eram cuidadosamente decorados de modo a que os visitantes compreendessem a mundividência cultural do *dominus*: uma epístola em que Cícero se queixa do modo descuidado como foram adquiridas em seu nome duas estátuas de Bacantes e de Marte, absolutamente inapropriadas para o contexto: *Cic. Fam.* 7.23.

¹⁷ *Ad Atticus*, II, 14, 2.

¹⁸ Varrão, *R.R.*, I. 13. 7

A geração que vive entre o final da República e o principado é detentora de *villae* que competem entre si pela sumptuosidade e grandiosidade dos espaços. Cada vez mais, as residências imperiais tornam-se o paradigma a emular, sejam a *villa Tiberiana* em Capri ou a *Domus Aurea* e a *villa* do Lago Nemi de Nero, a partir das quais se difundem os protótipos arquitectónicos e artísticos, ou as mais ousadas soluções que procuram criar o espanto em quem as contempla. Para este momento a melhor testemunha é Plínio-o-Jovem (Gaius Plinius Caecilius Secundus, 61/62-113 d.C.), que nos deixou nítidas descrições das suas casas com a vantagem acrescida de uma, a *villa in Tuscis*, ter sido objecto de escavações arqueológicas¹⁹. Curiosamente, a informação proveniente destes trabalhos permitiu perceber que o investimento pliniano ter-se-á concentrado mais na *pars rustica* e na produção de vinho, contrariando as descrições epistolares, e mostrando como estas continham elementos de retórica que consistem mais em fórmulas literárias do que em situações reais²⁰. O mesmo fenómeno poderá ter-se verificado em outras das suas propriedades: Plínio elogia o conforto da sua *villa Laurentina*, que por estar apenas a 17 milhas de Roma permitia que ao final do dia, depois de tratar dos assuntos urbanos, ali pudesse pernoitar²¹. Também são conhecidas as residências junto ao lago Como, de onde era natural, e que carinhosamente tratava por suas “delícias”²². Lendo as descrições dos espaços arquitectónicos, dois aspectos devem ser salientados: a multiplicidade de divisões que cumprem funções específicas, observando-se portanto como são cuidadosamente planeadas para que concedam ao seu proprietário o maior conforto no desempenho de várias actividades; e as designações em étimos gregos, mostrando o modo como os protótipos são helénicos, e não

¹⁹ Braconi e Uroz, 1999. Ver também as considerações expressas no inventário de Annalisa Marzano, 2007: 110ss e catálogo, U23.

²⁰ Embora de todas as propriedades esta seja a menos descrita por Plínio, mesmo assim ela é o tema principal na carta dirigida ao seu amigo *Domitius Apollinaris* (Ep. V. 6). O autor não menciona de todo a *pars rustica* que as escavações permitiram conhecer, mas refere-se às produções que eram exportadas para Roma através de barcos, pelo Tibre, assim como aos vinhedos que envolviam a casa. Aliás, o autor por diversas vezes menciona o modo como a casa foi desenhada para otimizar pontos de contacto visual e de contemplação com o exterior, embora também não se mencionem muitos pormenores arquitectónicos da *pars urbana* (descrita com muito menos pormenor que a *villa Laurentina*, por exemplo), apenas a atmosfera de tranquilidade que o autor nela vivenciava. Fica patente que esta seria uma *villa* com elevada componente de *negotium*, embora Plínio exalte o modo como a propriedade era propícia ao lazer e à leitura e mencione a prática de *venationes*. Sendo a propriedade que Plínio detinha que estava mais distante de Roma – 150 milhas – percebe-se que o autor aqui passasse temporadas mais prolongadas.

²¹ Epist. II, 17, I.

²² Epistol. II, 8 [*Quid agit Comum, tuae meaeque deliciae?*]; IV, 6.

especificamente romanos.

Em *Laurentium* Plínio detinha uma *villa maritima*, e a relação visual com o oceano assume um papel fundamental, não apenas na fruição passiva da paisagem, mas no modo como esta é inspiradora para a produção intelectual. Para tanto Plínio construiu espaços específicos que propiciam o *otium litteratum*, minuciosamente descritos, como a *bibliotheca*, o *heliocaminus*²³ ou a sua *apotheca*. Infere-se que seria uma *villa* de um só piso, sem escadas, de plano longo e estreito, de modo a colocar o maior número divisões com pontos de contemplação sobre o mar, e dispondo de uma larga varanda (*zotheca*). Dois corpos separados do edifício principal tinham a função de *belveder*, de terraço de contemplação. Para seu uso exclusivo fez construir um pavilhão (*diatae*) onde, desfrutando de uma atmosfera idílica, podia ler e escrever na maior privacidade. A sua propriedade de *Tifernum*, a *villa in Tuscis*, é de uma natureza absolutamente distinta. Neste caso estamos nas paisagens acidentadas da Toscana, contemplando o Tibre. Muito arborizada, beneficia de fontes e jogos de água, para criar atmosferas térmicas mais propícias, algo útil em região de verões ardentes. As águas são canalizadas para um luxuoso edifício termal, que o autor nos descreve com evidente deleite²⁴. Quanto ao edifício principal, o elemento mais marcante é a justaposição de distintos pavilhões (*diatae*), unidos entre si por pórticos e corredores cobertos, envolvidos por um jardim luxuriante. Cada um destes pavilhões cumpria distintas funções e por isso tinham diferentes volumetrias e dimensões arquitectónicas. Manifesta-se assim a busca pelo efeito visual da diversidade, preferível a uma unidade global do edificado. A concepção do conjunto permite que existam espaços mais privados (*cubicula*), como por exemplo uma sala de refeições exclusiva da família, e outros acessíveis aos visitantes, como um *triclinium* de inverno e um outro *triclinium aestivalis*, onde decorriam refeições no Verão. Junto ao edifício existia ainda um hipódromo privado, do qual o autor faz questão de enaltecer um pavilhão com colunas

²³ Carneiro, 2014b: 225; Sherwin-White, 1998: 197

²⁴ Com o governo de Nero a cidade de Roma é equipada com um conjunto de edifícios termais de grande monumentalidade e conforto. No século seguinte este fenómeno começa a ser reproduzido nas residências privadas em meio rural, assistindo-se à reformulação dos pequenos espaços termais de matriz augustana que estão inseridos na residência principal por edifícios próprios e autónomos, cada vez maiores, sumptuosamente decorados e sectorizados para cumprir as recomendações de Galeno (sauna, banho tépido, banho frio e zona de massagens). O papel dos banhos enquanto espaço de *convivium* reforça-se: embora a passagem seja de difícil interpretação, é provável que no *Satyricon* (26.10), Trimalquião receba os seus convivas no espaço do *balneum*, e a meio da refeição desfrutam de um banho quente enquanto o *triclinium* é limpo e arranjado para prosseguir a refeição.

em mármore, onde também se podia desfrutar de refeições.

Todavia, para conhecermos um outro aspecto relevante, temos de procurar em outro autor. É no contemporâneo Estácio que vemos uma decoração sumptuosa, com estátuas dos escultores gregos de referência, como Policeto, Fídias ou Míron, além de galerias de escultura e de pintura, decorações em materiais exóticos como marfim e mármore raros ou o gosto pelos dourados exuberantes²⁵. Embora tendo em consideração os eventuais exageros de uma obra lírica e de tom panegírico, nas descrições da *Villa Tiburtina* de Manílio Vopisco²⁶ ou da *villa Surrentina* de Pólio Felix²⁷ temos o fausto descrito de uma forma “provocadora”, na medida em que simboliza o paradigma de uma nova forma de *art de vivre* que rejeitou em absoluto o paradigma catoniano²⁸.

O processo irá avançar de modo imparável. Tendo poucos testemunhos literários para o século II, percebemos como os paradigmas se consolidaram, emanando dos protótipos imperiais, como o célebre caso da *villa* de Adriano²⁹. Mas o processo de monumentalização dos campos faz pressupor um outro movimento, subliminar e irónico, notado por alguns investigadores³⁰: a transferência do luxo e comodidades das casas urbanas para o ambiente rural pode ser um reflexo, afinal, da incomodidade das elites se adaptarem à vivência urbana, preferindo retomar o contacto com o campo que moldou a vivência dos seus antepassados. A *villa* enquanto *locus amoenus*, local sincrético de fusão entre a natureza envolvente e a comodidade urbana, caminha para o seu total

²⁵ Publius Papinius Statius terá vivido entre 45 e 96 d.C., deixando-nos vivas descrições da sua região natal, em torno à actual baía de Nápoles, na heterogénea colecção de poemas intitulada *Silvae*. Desta forma, o valor da sua obra é acrescido pelo facto de os seus textos poderem ser paralelizáveis com os ambientes descritos por Cícero, que também retratou *villae* situadas nessa zona. Sobre Estácio, ver uma análise exhaustiva em Newlands, 2004.

²⁶ I, 3.

²⁷ II, 2.

²⁸ O termo “provocative” realçado no texto principal é utilizado por Carole E. Newlands, que sublinha: “In Statius’ villa poetry luxury is celebrated as a sign not of moral decadence but as an essential component of moral virtue and philosophical value” (p. 126), na medida em que permitem a plena assumpção dos ideais poéticos.

²⁹ Conseguiu-se comprovar que quando Adriano construiu a sua *villa* no Tibur, as propriedades envolventes entraram numa dinâmica de embelezamento e de acréscimo de monumentalidade que demonstram uma actividade edilícia considerável. Claro que este fenómeno de *emulatio* também tem outras motivações, como o facto de se construírem infraestruturas viárias ou portuárias para facilitar o acesso: por exemplo, a citada *villa* de Adriano funcionou como lugar de *consilium Principis*, pelo que a estrada foi integralmente reconstruída.

³⁰ Percival, 1988: 72-73.

apogeu.

4. O apogeu: *secessus in uillam*

Por estes motivos as *villae* surgem-nos como os verdadeiros palcos das dinâmicas quotidianas, centros de vida e das práticas do *convivium*, quando regressam as descrições literárias, o que sucede a partir do século IV. Como demonstrou Isabelle Morand, o tempo passado nos retiros rurais permite o estudo e prepara o “caminho das musas”³¹. Prossegue-se a visão pliniana da *villa* enquanto local de retiro propício para o estudo e erudição, mas acrescenta-se uma dupla visão nascida num mundo em acelerada mudança: o alastramento das filosofias neo-platónicas produz uma necessidade de isolamento e de introspecção que visa a plena sabedoria, mas, e de modo paradoxal, estes lugares são também casas semi-públicas de recepção de outros membros das elites aristocráticas, o “forum made private” na magistral definição de Peter Brown³². O século IV é um momento paradoxal, onde por um lado vemos a ascensão definitiva do cristianismo enquanto fenómeno de transcendente importância para o devir histórico, mas simultaneamente, vemos um *refluxo neoclássico* de contornos conservadores e nostálgicos, onde se combina o paradigma campestre virgiliano com a mundividência pagã do culto aos deuses antigos e as referências aos arquétipos culturais do mundo mediterrânico. Este universo complexo mescla, por exemplo, os primeiros edifícios de culto cristão com os mosaicos representando as divindades ou os heróis arcaicos, e na literatura percebemos o modo como se oscila entre os universos “idílicos” e as visões neo-ascéticas. Por estes motivos se representam figuras que unem estes mundos, como Orfeu, Baco ou as Musas, mostrando a harmonia entre o mundo natural e a mente humana, ou os valores da cultura, da oratória e da espiritualidade.

Durante estes séculos o género epistolar e as composições poéticas permitem-nos ter, de viva voz, um conjunto de descrições que são retratos idealizados: “no hay lugar [...] para las preocupaciones sociales, económicas, fiscales, políticas o religiosas”³³. Graças a um notável conjunto de intelectuais, conseguimos perceber bem como este

³¹ Isabelle Morand, 1994. Sobre o mesmo tema e para a mesma área geográfica veja-se o trabalho de Catherine Balmelle, 2001.

³² 1992: 273.

³³ Lomas Salmonte, 1990: 277.

fenómeno ocorre nas *villae* da *Aquitania* entre o século IV e o V. Entre eles destaca-se Ausonio (Decimus Magnus Ausonius, c. 310-c. 395), que deixou detalhadas descrições da sua terra natal, em especial das *villae* ao longo do *Mosella*, a sua *patriam nidumque senectae*. Olhando para os seus textos talvez o facto mais notável a destacar seja que a fruição do *otium* nas *villae* deixou de ser um exclusivo das elites itálicas, para agora ser vivenciado da mesma forma por todo o Império. Este facto não deveria ser surpreendente: a biografia do próprio Ausonio (que nunca visitou Roma) mostra-nos como alguém nascido e educado fora do espaço itálico se tornou especialista em literatura e retórica latina - ou seja, uma disciplina que em momentos anteriores era exclusiva de itálicos -, ao ponto de se tornar tutor do futuro imperador Graciano³⁴. Neste período, será nas *villae* fora da península itálica que encontramos as mais eloquentes formas de demonstração da mundividência clássica e de entrosamento com os valores da *oikoumene* mediterrânica. A legislação de Constantino, que permitiu e incentivou a que os *clarissimi* residissem em permanência nas suas propriedades rurais, acentua este fenómeno, embora os laços com a cidade nunca fossem cortados, ao contrário do que geralmente se escreve, sendo o próprio Ausonio testemunha desse facto: “*transeo et alternis rure vel urbe fruor*”³⁵.

Os seus textos permitem perceber o quotidiano de um homem atraído pela vida bucólica (no sentido virgiliano do termo): levanta-se, lava-se, veste-se, faz as suas orações³⁶, lê e dita as cartas ao seu *Puer, notarum praepetum / Sollers minister* e recebe em audiência os clientes. Em seguida, ordena e supervisiona pessoalmente a preparação das refeições com os amigos convidados, nunca em número superior a sete para evitar a agitação excessiva³⁷. Como foi realçado por Lomas Salmonte³⁸, a profusão de referências gastronómicas nos seus textos, em especial ao vinho bordelense, mostra-nos o modo como o momento da *cenatio* continua a ser fulcral nos momentos de recepção e convívio, onde não faltam iguarias requintadas e produtos importados.

Ao contrário dos seus antecessores, o autor não nos deixa descrições

³⁴ Para uma biografia de Ausonio e sua contextualização no quadro da aristocracia aquitana, ver Sivan, 1993.

³⁵ *De Hered.* 29-32. Campo e cidade são entendidos como espaços que se complementam, pois cada um oferece vantagens distintas. Por esse facto, e para facilitar o trânsito entre ambos, convém que a residência campestre não fique distante da cidade, retomando-se assim a recomendação pliniana.

³⁶ Sem alfaías litúrgicas, pois “as palavras e orações são suficientes”.

³⁷ *Ephemeris* II. O número faz-nos intuir que existiria um *stibadium*.

³⁸ 1990: 281, com referências específicas.

arquitectónicas ou relatos pormenorizados dos espaços e decorações³⁹. Das suas casas, é prolixo na descrição de uma *villa* não nomeada, mas sempre designada com o carinhoso qualificativo de *herediolum*, porque a recebeu em herança. Elogia a proximidade à cidade, na linha do que Plínio havia mencionado como o factor ideal para a localização das *villae*, pois suficientemente próximo da cidade para uma deslocação cómoda, embora dela distante, para não ser perturbado com o barulho e o bulício urbano. E sobretudo, a fecundidade: das águas, quer do rio, quer das fontes, e das terras, nas quais a produção é tão elevada – apesar da pouca área sob exploração, apenas 200 *iugera* – que os armazéns ficam com stocks que cobrem dois anos⁴⁰. A outra propriedade referida é designada como *Lucaniacum*⁴¹, à qual era mais cómodo aceder por via fluvial, e onde o poeta coloca uma estátua em mármore dando continuidade a uma antiga tradição de carácter semi-público, mostrando-se assim o modo como coexistiam as tradições pagãs com a autoridade cristã.

Mais parca em descrições, a obra de Ausonio é relevante por nos permitir perceber como, em momento de viragem, as figuras da alta aristocracia continuam a cultivar a leitura dos clássicos e do imaginário pagão, numa atitude surpreendentemente conciliadora com o cristianismo em consolidação (o próprio tinha pagãos entre o seu círculo de amigos). E que melhor lugar para a leitura, a discussão e a criação literária e poética do que o domínio fundiário, onde, na tranquilidade bucólica do campo, se podem receber os amigos? A importância do *convivium* é visível no modo como se enfatizam as saudades dos que há muito não o visitam⁴².

Este ambiente perdura no tempo. Tendo vivido em época que na tradição historiográfica se associa à queda de um universo, as descrições de Sidónio Apolinar

³⁹ Sobre o tema, e apesar dos contributos mais recentes, em especial relacionados com as tentativas de identificação concreta dos locais (Sivan, 1993: 63-69, em especial nota 92) continua a ser imprescindível o estudo de Pierre Grimal (1953).

⁴⁰ *De Herediolo*: 21-34.

⁴¹ *Ep.* XIV, 36; XXII, 1, 11; 2, 44; XLVIII, 7.

⁴² Particularmente interessante o caso de Teón, várias vezes citado nas epístolas (em especial *Ep.* XIV, XV, XVI): personagem extravagante que habita nos confins da Garonne em “pobre cabana” (*Ep.* XIV: *vilis harundineis cohibet quem pergula tectis et tinguat piceo lacrimosa colonica fumo?*), e que Ausonio, para além de recriminar a fraca criação poética de “plúmbeos versos”, acusa de passar mais tempo entretido nas *venationes* e actividades lúdicas ou na caça de ladrões que existiam na sua região. Podemos ter aqui o paradigma de um “homem forte” mais interessado pelas actividades de carácter físico e militar, embora o gosto sumptuário se mantenha, como é evidente na oferta de ostras a Ausonio.

(Gaius Sollius Apollinaris Modestus, c. 430-489) prosseguem um quotidiano imperturbável de serões literários em *villae* faustosas⁴³. Sidónio deixou-nos descrições de duas *villae*: a sua própria *villa* de *Avitacum*⁴⁴ e a visita à residência do seu amigo *Pontius Leontius*⁴⁵. No primeiro caso, o local corresponde em pleno ao clássico arquétipo de uma *villa*, aparte o espaço da capela que se integra no edifício principal. Toda a casa é desenhada para o conforto, estando equipada de pórticos, colunatas, bibliotecas, uma sala com *stibadium* e o edifício termal, alimentado directamente pela água de um ribeiro. A descrição da sala de jantar na *villa* de *Avitacum*⁴⁶ torna óbvia a importância dos momentos de *convivium* que a *cenatio* proporciona no reforço dos laços aristocráticos. Estes ambientes recorrem a soluções espectaculares, como a descrição da cascata no interior da sala da *villa Leontina*⁴⁷, mostrando como o jogo de inter-relações entre a estrutura construída e a natureza que para o seu interior é transportada. Mas também esta sala permite a relação visual com o exterior, visto que dela se desfrutava uma amplíssima paisagem⁴⁸, não só pela largura das janelas, mas pelo facto de estar no piso superior de um dos torreões laterais. Aliás, o *burgus* fortificado de *Pontius Leontius* apresenta-se como uma *villa*-bloco com torreões laterais e dois pisos de altura, com um duplo pórtico e um revestimento integral de fachada em mármore. O autor logo nos elucida sobre o facto de esta tipologia arquitectónica não ser causada por qualquer sentimento de insegurança, pois a casa havia sido assim construída há duas gerações. Lendo as suas descrições percebemos também o modo como a arquitectura encontra soluções fortemente criativas, como o peristilo em sigma da *villa* de *Pontius Leontius*⁴⁹, e que encontra numerosos paralelos em residências na *Aquitania* e na *Hispania*. Da mesma forma evidencia-se o papel dos serões literários, na fruição do *otium litteratum* e da

⁴³ Embora o próprio Sidónio tivesse sido feito prisioneiro pelos Godos, na sequência da tomada de Clermont em 474, a sua biografia mostra-nos como foi uma das personagens centrais na conjuntura política do seu tempo, durante a qual foi um dos mais reputados homens de letras, poeta e diplomata, na intersecção dos estudos da literatura clássica com a sua função eclesiástica de bispo.

⁴⁴ *Ep.* II, 2. Refira-se contudo que já foram salientadas as semelhanças de estilo com as descrições plinianas, pelo que existem elementos retóricos que o autor utiliza para descrever os cenários que impedem que consideremos a sua descrição como um relato absolutamente fidedigno. Ver Harries, 1994: 131.

⁴⁵ *Carm.* XXII.

⁴⁶ *Ep.* II, 2, 11.

⁴⁷ *Carm.* XXII 206-210.

⁴⁸ *Carm.* XXII 210-215.

⁴⁹ *Carm.* XXII 4-157. Sidónio regista as paredes pintadas onde se registam acontecimentos históricos onde os antecessores da família pretensamente haviam participado.

discussão⁵⁰ com espaços que possuem a função de bibliotecas⁵¹ e de salas de convívio restrito.

Um século mais tarde ainda temos descrições, por Venancio Fortunato (Venantius Honorius Clementianus Fortunatus, c. 530-c. 600), bispo e autor de poemas e hinos. A sua viva descrição dos ambientes mostra-nos como as antigas formas de representação do *dominus* e da vivências nas *villae* se mantém. Os domínios fundiários continuam a ser os lugares privilegiados para o retiro e meditação contemplativa, o *propositum asceticum*⁵² que nestes tempos ganha renovada espiritualidade. Todavia, várias destas *villae* são o resultado de uma *Renovatio Imperii*⁵³. Contudo, também algumas inovações reflectem a conjuntura do seu tempo: Venancio descreve-nos a *villa* do Bispo Nicetius, nas proximidades de Trier, que foi dotada de torreões monumentais, tendo uma aparência militarizada⁵⁴. Mas lendo com atenção, o facto mais impressionante reside no modo como, em plena década de 560, as *villae* continuam a ser habitadas ao modo clássico: Leontius contempla a paisagem envolvente descontraidamente reclinado no seu *stibadium*, que domina uma sala onde os peixes nadam em tanques⁵⁵. Neste espaço, jogos de água jorram de uma fonte, criando uma atmosfera de um *locus amoenus* bucólico que em tudo se liga à atmosfera dos poemas de Virgílio⁵⁶, como se o processo histórico se tivesse suspenso e estivéssemos em quadro absolutamente pagão e classicizante. Mais surpreendente ainda: Leontius é um bispo⁵⁷, que vive num reino bárbaro de francos.

⁵⁰ *Ep.* II, 9.

⁵¹ Sobre estes espaços na *Lusitania* ver Carneiro, 2014b, com bibliografia; para uma visão mais ampla ver Casson, 2001: 69-74, que reúne vários exemplos de bibliotecas privadas para o final da República.

⁵² Fontaine, 1980; ver também Rolet, 1996: 110, que sublinha a ligação entre os valores religiosos arcaicos romanos que buscam a ligação contemplativa à paisagem rural, na linha de Cícero ou Horácio, reactualizada com os valores cristãos que encaram os retiros em meio rural numa perspectiva monástica e preparatória da acção social do bispo.

⁵³ Os exemplos são vários, mas pode mencionar-se o caso da *villa* de Leontius em Preignac que é mencionada por Venancio Fortunato (*Carm.* 1.6, linhas 8-13), com o elogio ao *dominus* por fazer renascer novamente as fontes e os banhos (linhas 18-20); ver também Gutteridge, 2006: 581. Este Leontius nada tem a ver com o Pontius Leontius descrito por Sidonio, havendo cerca de cem anos a separá-los. Para Leontius, veja-se Martindale, 1992: 774 (Leontius 4).

⁵⁴ *Carm.* III, 12.

⁵⁵ *Carm.* I, 19, 9-12.

⁵⁶ Rolet, 1996: 114.

⁵⁷ Leontius II da diocese de Bordéus, 542-564.

5. Entre a “barbarização” e o cristianismo: evoluções finais

Em todo o *modus vivendi* clássico, é no domínio da *villa* que o cristianismo encontra com mais facilidade o seu *habitat* natural. Esta ideia pode à primeira vista parecer contrastante: se a *villa* era o local por excelência do *otium* e do prazer sensorial, em teoria este seria um espaço onde os valores cristãos estariam em colisão com esse ideal. Todavia, e como vimos, os elementos *bucólicos* e a ligação ao mundo agrícola e natural envolvem uma espiritualidade profunda; e quando lemos certas passagens do Antigo Testamento⁵⁸, fácil se torna verificar esta identificação espiritualista entre a vivência idealizada do campo nos dois universos culturais. A vida agreste que se exige a um *possessor* implica uma concórdia com o mundo envolvente. Este ideal é no fundo uma ressonância dos preceitos catonianos, onde a *moderatio* humilde estava bem presente, mas também o “retiro do mundo” necessário à leitura e meditação, conforme propunha o ideal pliniano, se assemelha ao retiro para a oração necessário para uma vivência monacal, ou ainda à *vita apostolica* que materializa um novo ideal. Contudo, o quotidiano tardo-antigo acrescenta uma nova componente a esta concepção, pois este retiro deixa de ser um caminho individual para o *dominus* assumir responsabilidades perante a comunidade envolvente, pois no novo ordenamento espiritual o aristocrata é alguém que possui um ascendente espiritual e uma responsabilidade moral sobre os *rustici* em volta. A vocação *taumatúrgica*⁵⁹ ganha força, transferindo os conteúdos da visão pagã erudita para um sentimento cristão ascético, com algo de misticismo e racionalismo neo-platónico.

Um dos melhores retratos que nos mostram a extensão da mudança nos arquétipos reside na descrição que Sidonio Apolinar nos deixou da visita à propriedade de Maximus, um antigo oficial que se retirou para a sua *villa* na região de Toulouse⁶⁰. O seu amigo apresentava-se agora de um modo totalmente despojado, tendo deixado

⁵⁸ Certains éléments « bucoliques » scripturaires, tels les bestiaires, les sources et eaux vives, les bons pasteurs et brebis égarées, les vignes et figuiers des Évangiles, la terre promise des Psaumes, les jardins du Cantique des Cantiques, trouvent des échos si évidents dans le monde des jardins arcadiens qu'il devient difficile de distinguer entre les deux sources d'inspiration. (Rolet, 1996: 117)

⁵⁹ Rolet, 1996.

⁶⁰ Ep. IV, 24, 3-4.

crescer uma longa barba, e inclusivamente se havia convertido a uma dieta vegetariana. Vivia um quotidiano ascético e austero, sem qualquer concessão ao conforto. Os padrões de vida encontram-se em mudança: a evocação de Sidonio Apolinar de que os edifícios termais nas *villae* dos seus anfitriões, Apollinaris e Ferreolus⁶¹, não estavam em funcionamento, mostra as alterações na segunda metade do século V. Mas este facto deriva também da crescente impreparação técnica da mão-de-obra especializada, como se depreende da passagem na qual lamenta o facto de não se encontrarem pessoas que saibam reparar estruturas antigas⁶².

Estamos portanto na última fase de vivência humana nas *villae*, na qual o antigo luxo e aparato começa a deixar de fazer sentido. A vida no campo continua a ser encarada como a plena realização do *dominus*, mas que agora se faz com uma espiritualidade ascética progressivamente mais centrada na prodigalidade da acção caritativa e numa prática que se afasta o conhecimento do fundo literário clássico para abraçar os ideias cristãos e a progressiva analfabetização de uma sociedade onde a cultura erudita deixou de ter lugar. É sintomático que em Venancio Fortunato – o último bastião desta *cultura agri* que ainda concilia “os cantos de Virgílio com os cantos dos textos sagrados”⁶³ – nos surjam retratos de outros *domini* para quem o mundo literário pagão se tornou algo distante e que, nos seus lugares de vida, estão a operar a substituição da cultura literária clássica pela mundividência cristã. De forma paradigmática, um dos primeiros mosteiros fundados na península itálica, por Benedito de Nursia (c. 480- c. 543) em Subiaco, irá aproveitar as ruínas de uma antiga *villa* que pertenceu a Nero.

6. Uma leitura geral

Entre Cícero e Venancio Fortunato decorrem mais de seis séculos. No entanto, torna-se surpreendente ver o modo como as *villae* são encaradas se mantêm: lugares de retiro, de contacto com a natureza e de regresso aos valores primaciais de um arquétipo conservador e idealizado. Pelo caminho alguns valores se perderam: a sociabilidade, o

⁶¹ *Ep.* II. 2, 9, 8: *Balneas habebat in opere uterque hospes, in usu neuter.*

⁶² A propósito de um baptistério: *Ep.* IV. 15. 1: *quo vix alius auderet vetusta sarcire.*

⁶³ Rolet, 1996: 126 (adaptado).

espaço da *villa* como sede de *convivium* e de *otium litteratum*, substituídos por um caminho de ascese individual que o *dominus* deve empreender, pastor de almas na sua ligação com os *rustici* que deles dependem espiritual e materialmente, mas aos quais separa uma noção de superioridade social e moral. Outros valores se transferiram: a *villa* como lugar de letras, de leitura e criação poética, que encontramos desde Plínio a Ausonio, foi substituída pelo local de meditação individual. A vocação agrícola, o ideal sempre presente nos tratados dos *agrónomos*, passa de uma componente autárquica para o objectivo do lucro, do *negotium* que prestigia o seu *dominus*, até regressar à vertente da auto-suficiência que deve bastar para alimentar a comunidade envolvente. Neste campo, todo o século VII constitui uma encruzilhada de influências que determinam novas formas de habitar o mundo rural e novos processos de relacionamento inter-pessoais, mas nos quais reconhecemos um traço marcante: a *villa* enquanto modo *clássico* de vivenciar o território campesino, perdeu-se definitivamente.

Bibliografia

- ADAMS, G. W. (2008) - *Rome and the social role of Elite Villas in its suburbs*. (BAR International Series 1760) Oxford.
- ALARCÃO, J. (1990) - A produção e circulação dos produtos. In J. de Alarcão (ed.) – *Portugal das Origens à Romanização*. Lisboa: Editorial Presença, (Nova História de Portugal, vol.1. Dir. Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques), 409-441.
- ALARCÃO, J. (1998) - A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*, Vol. XXXVII, 89-119.
- ALMEIDA, M. J. (2000) - *Ocupação rural romana no actual concelho de Elvas*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 volumes [policopiado].
- BALMELLE, C. (2001) - *Les demeures aristocratiques d'Aquitaine. Société et culture de l'Antiquité Tardive dans le Sud-Ouest de la Gaule* (Aquitania 10), Bordeaux.
- BERNARDES, J. P. (2007) - *A ocupação romana na região de Leiria*. Faro, (Promontoria Monográfica 6).
- BRACONI, P., UROZ SÁEZ, J. (1999) - *La uilla di Plinio il Giovane a San Giustino. Primi risultati di una ricerca in corso*. Perugia.

- BROWN, P. (1992) - *Power and Persuasion: Towards a Christian Empire* (1992). Wisconsin.
- BRUN, J.-P. (2004) - *Archéologie du vin et de l'huile dans l'Empire romain*. Paris.
- CARANDINI, A. (1985) - *Settefinestre. Une villa schiavistica nell'Etruria romana*. Modena.
- CARNEIRO, A. (2009-2010) - A cartografia dos cultos religiosos no Alto Alentejo em época romana: uma leitura de conjunto. *Hispania Antiqua* n° 33-34, 237-272.
- CARNEIRO, A. (2010) - Em *pars* incerta. Estruturas e dependências agrícolas nas *villae* da Lusitânia. *Conímbriga* XLIX, 225-250.
- CARNEIRO, A. (2014) - *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. Coimbra, *Humanitas Supplementum* n° 30.
- CARNEIRO, A. (2014b) - *Otium*, materialidade e paisagem nas *villae* do Alto Alentejo português em época romana. *Espacio, tiempo y forma. Série II* n° 27, 207-231.
- CARVALHO, A. (1993) - As *uillae*. In J. Medina (ed.) - *História de Portugal*. Amadora, 1993, 275-282.
- CASSON, L. (2001) - *Libraries in the Ancient World*. New Haven-London.
- D'ARMS, J. (1970) - *Romans on the bay of Naples. A social and cultural study of the villas and their owners from 150 BC to AD 400*. Cambridge Massachusetts.
- FONTAINE, J. (1980) - Valeurs antiques et valeurs chrétiennes dans la spiritualité des grands propriétaires terriens à la fin du IV siècle occidental. *Études sur la poésie latine tardive d'Ausone à Prudence*. Paris, 267-308.
- GORGES, J.-G. (1979) - Villes et villas de Lusitanie: interactions – échanges – autonomies. In: *Les villes de Lusitanie romaine: hierarchies et territoires*. Paris, 91-113.
- GRIMAL, P. (1953) - Les villas d'Ausone. *Revue des Études Anciennes* T. 55, n° 1-2. 113-125.
- GUTTERIDGE, A. (2006) - Some aspects of social and cultural time in Late Antiquity. In: Bowden, Gutteridge & Machado (eds) *Social and political life in late Antiquity*. Brill (Late Antique Archaeology vol. 3.1.), Leiden-Boston, 569-601.
- HARRIES, J. (1994) - *Sidonius Apollinaris and the fall of Rome AD 407-485*. Oxford, Oxford University Press.
- IRCP = Encarnação, J. d' (1984) - *Inscrições Romanas do Conuentus Pacensis*. Coimbra.
- LEMOS, F. S. (1993) - *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*. Braga, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho [Dactilografado], 3 volumes.

- LOMAS SALMONTE, F. J. (1990) - *Secessus in villam*: la alternativa pagana al ascetismo cristiano en el círculo de Ausonio. *Antigüidade y Cristianismo VII (Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano)*, Murcia, 273-286.
- MARTINDALE, J. R. (1992) - *The prosopography of Later Roman Empire*. Vol. IIIb. Cambridge.
- MARZANO, A. (2007) - *Roman villas in central Italy. A social and economic history*. Leiden-Boston.
- MOLINA VIDAL, J. (2015) - La villa romana y la diversidad del paisaje agrícola romano. Tendaro Fernández (coord.), *Villa petraria. Síntesis del pasado romano de Petrer (Alicante)*. Petrer, 19-30.
- MORAND, I. (1994) - *Idéologie, culture et spiritualité chez les propriétaires ruraux de l'Hispanie romaine*. Paris, (Publications du Centre Pierre Paris 27).
- Newlands, C. (2004) - *Statius's Silvae and the poetics of Empire*. Cambridge.
- PERCIVAL, J. (1988) - *The roman Villa. An historical introduction*. London.
- PEREZ LOSADA, F. (1987) - Sobre o concepto de *villa* no mundo romano. *Cadernos de Arqueologia de Braga*, série II, nº 4, Braga, 79-110.
- Prevosti I Monclús, M. (1981) - *Cronologia i poblament a l'àrea rural d'Iluro*. 2 volumes, Mataró.
- ROLET, A. (1996) - L'Arcadie chrétienne de Venance Fortunat. Un projet culturel, spirituel et social dans la Gaule mérovingienne. *Médiévales* vol. 15, nº 31, 109-127.
- SCOTT, S. (2000) - *Art and society in fourth-century Britain: villa mosaics in context*. Oxford (Monograph 53).
- SHERWIN-WHITE, A. N. (1998) - *The letters of Pliny. A historical and social commentary*. Oxford.
- SIVAN, H. (1993) - *Ausonius of Bordeaux. Genesis of a gallic aristocracy*. London & New York.
- TERRENATO, N. (2001) - The Auditorium site in Rome and the origins of the villa. *Journal of Roman Archaeology* Volume 14, 5-32.